

A “Guerra” Que Foi Um Massacre: As Tonalidades do Sangue Derramado pela Mídia Brasileira na Cobertura da Chacina do Jacarezinho (2021)¹

Íris MACHADO²

Glória RABAY³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Em maio de 2021, uma operação da Polícia Civil na favela do Jacarezinho, Rio de Janeiro, ocasionou a morte de 29 pessoas: um policial e 28 civis. Deflagrada em descumprimento à liminar do Supremo Tribunal Federal (STF) que proibia o ingresso de forças policiais em comunidades durante o período da pandemia, trata-se da operação policial mais letal da história do estado — e a segunda, a nível nacional. Objetiva-se, nesse contexto, analisar, com uma abordagem qualitativa, as principais construções narrativas que atravessaram o acontecimento, em duas matérias com técnicas divergentes de noticiar o acontecimento, compartilhadas pela CNN Brasil e pela Revista Piauí, de acordo com o pensamento butleriano. O resultado da análise demonstrou a persistência de um comportamento legitimador das estruturas de controle e de vilanização de minorias no jornalismo brasileiro, apesar da recente ascensão de portais de notícia alternativos.

PALAVRAS-CHAVE: chacina do Jacarezinho; violência policial; jornalismo; racismo; luto.

INTRODUÇÃO

Quanto vale uma vida?

Depende. Essa seria a resposta mais encontrada nas entrelinhas da maioria das matérias publicadas pelos veículos jornalísticos brasileiros. De fato, o espectro de gradação da importância a ser atribuída pela mídia a um fato *depende* de determinantes muitas vezes imperceptíveis ao público, mas cuja recorrência, aos poucos, não somente os naturaliza no imaginário social, como também remonta estereótipos e preconceitos fincados na formação do Brasil enquanto nação. Afinal, uma sociedade na qual os meios de comunicação pertencem à antiga elite dominante racista só é capaz de reproduzir os velhos comportamentos racistas a que está acostumada, que confinam pessoas negras a uma posição inferior e precária na hierarquia social, mais expostas à violência e à morte (BUTLER, 2018, p. 27).

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: irsmchdo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: gloria.rabay@academico.ufpb.br.

Este trabalho surge como uma investigação inicial de uma das facetas desse fenômeno, a partir de um estudo de caso referente à cobertura midiática da chacina do Jacarezinho, no estado do Rio de Janeiro, distribuída por matérias de dois portais distintos: CNN Brasil e Revista Piauí. Por meio dessa análise, procura-se escancarar as dimensões do racismo na mídia brasileira, ao legitimar as estruturas de repressão estatais e produzir narrativas que ecoam e fortalecem valores racistas na sociedade.

Nesse cenário, o massacre do Jacarezinho iniciou-se às 5 da manhã do dia 6 de maio de 2021, durante a deflagração da Operação Exceptis pela Polícia Civil na favela homônima do Rio de Janeiro, em violação à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 635, a ADPF das Favelas, aprovada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no período da pandemia para suspender operações policiais não essenciais em comunidades. Dentre os 29 mortos, apenas três figuravam entre os investigados da ação, classificada como um “sucesso” pelos responsáveis. Trata-se da mais letal operação policial no estado do Rio de Janeiro.

Não é para menos. Encontra-se, no artigo 292 do Código de Processo Penal, o “auto de resistência”, maneira com a qual se registram os casos em que suspeitos morrem pela mão da polícia sob a alegação de resistência à prisão, em números capazes de ultrapassar mortes em locais de guerra, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2015. De lá para cá, pouco mudou: segundo o Relatório da Rede de Observatórios da Segurança, dos 2.750 óbitos de intervenções policiais em comunidades no ano de 2020, 2.195 foram de pessoas negras, dado que corresponde a um total de aproximadamente 80% dos casos.

No Brasil, os policiais possuem o direito de matar — e a bala mira em um alvo em específico. Se é verdade que nós sangramos o mesmo tom de vermelho, porque uns o fazem mais do que outros?

QUANDO O MORRER ANTECEDE O VIVER

Publicada dias após a deflagração da Operação Exceptis, a matéria “Mortos no Jacarezinho exibiam ‘feirão das drogas’ na internet, aponta relatório”, da CNN Brasil, surge como uma tentativa de encontrar motivos capazes de justificar a ação policial no morro da Favela do Jacarezinho. Já no título do texto, nota-se um caráter não só

generalizador, ao classificar todas as vítimas da chacina como criminosos, mas também maniqueísta, com a determinação de uma linha divisória entre os então “bandidos”, traficantes de drogas sem nome ou humanidade, e a Polícia Civil, cuja atuação mostrou-se “necessária” para combatê-los.

Nesse contexto, não é exagero dizer que a notícia, de certa forma, culpabiliza as vítimas pela própria morte. Com o foco em apenas uma das versões do fato, apresentado como um acontecimento isolado, descontextualizado e realizado pelas instituições oficiais do Estado, o que se percebe é a construção de uma realidade alternativa àquela que verdadeiramente ocorreu, na qual massacres em favelas não são rotina, nem sequelas do racismo entrelaçado à estrutura social brasileira.

Sob essa perspectiva, a matéria revela um olhar essencialista dos arredores, com “heróis” e “vilões” de raças distintas e previamente definidas. No texto, relata-se uma guerra de semelhantes, no sentido de um combate no qual ambos os lados competem entre si em pé de igualdade, quando, na verdade, os vencedores e os perdedores — os vivos e os mortos — já haviam sido predeterminados na engenharia do necropoder estatal, seja pela classe social, seja pela cor da pele (MBEMBE, 2018).

Isso se intensifica uma vez relatada uma notícia em um local periférico, à margem do governo e da sociedade, cujos moradores, únicas testemunhas diretas dos acontecimentos, dificilmente conseguem ditar a história final a ser veiculada pela mídia. Nesse contexto, ao ressaltar os supostos antecedentes criminais das vítimas em detrimento da brutalidade a que foram expostas, como se o primeiro legitimasse o segundo, a matéria comete mais uma violência em cima daquela já sofrida pelos moradores da comunidade. Uma dupla violência, identitária e biopolítica, no sentido dos

[...] poderes que organizam a vida, incluindo aqueles que expõem diferencialmente as vidas à condição precária como parte de uma administração maior das populações por meios governamentais e não governamentais, e que estabelece um conjunto de medidas para a valoração diferencial da vida em si. [...] De quem são as vidas que não importam como vidas, não são reconhecidas como vivíveis ou contam apenas ambigualmente como vivas? (BUTLER, 2018, p. 173).

Esse arrebate da identidade dos moradores torna-se flagrante quando comparado com a abordagem do acontecimento pela Revista Piauí, na reportagem “Da vingança ao silêncio”, publicada 20 dias após a chacina. De fato, por se tratar de uma matéria mais extensa e com maior distância temporal ao evento, ela consegue entrar em detalhes não

pormenorizados na primeira notícia. Por outro lado, não é preciso tomá-la por completo para reconhecer a diferença no tom de narração do fato; a escolha de reconstruir os momentos anteriores, simultâneos e seguintes à deflagração da Operação Exceptis no morro do Jacarezinho, em um esforço de reunir a visão de ambas as partes envolvidas no episódio, já é reveladora por si só.

Além disso, não se trata apenas de trazer maiores informações a respeito do caso, mas da maneira como estas são dispostas ao longo da matéria. Na reportagem da Piauí, as vítimas do massacre assumem complexidades desconsideradas pela matéria da CNN, lidas e retratadas com a profundidade da experiência inerente ao ser humano. Devido à recorrência de coberturas insuficientes no que se refere a acontecimentos dessa natureza, “até mesmo a pronúncia de um nome pode ser tomada como a forma mais extraordinária de reconhecimento, especialmente quando uma pessoa foi destituída de um nome, ou quando o nome foi substituído por um número [...]” (BUTLER, 2018, p. 135-136).

Ou ainda quando o nome é encoberto por outro, como é o caso de Isaac Pinheiro de Oliveira, 22, identificado pela primeira notícia como o traficante “Perturbado”, organizador de um “feirão das drogas” nas redes sociais. De antagonista irremediável, Isaac, na segunda reportagem, adquire dimensões que não cabem à percepção social designada para ele com base na porção de vulnerabilidade da qual constituía, de tal modo que o jovem vivia, na concepção butleriana, uma vida “tratada como uma forma de morte”. Não há uma ocultação do envolvimento de Isaac com o crime, nem um apagamento da existência dele enquanto ser social: apenas o reconhecimento do jovem como uma pessoa digna de luto.

[...] A família se mudou para Xerém quando Isaac começou a fumar maconha e a andar com pessoas que a avó considerava más influências. “Em pouco tempo Isaac saiu de casa e voltou pra favela. Ele amava aquele Jacarezinho mais do que tudo na vida”, conta a avó, Célia Regina Homem de Mello. Ela diz que Isaac não ganhou dinheiro no crime, pois sempre precisava pagar a passagem de ônibus para ele voltar ao Jacarezinho depois de visitá-la. No último encontro, pediu ao neto mais uma vez que mudasse de vida. “Vou mudar pelo meu filho”, respondeu. Poucas semanas antes de morrer, descobriu que seria pai (REVISTA PIAUÍ, 2021).

QUANDO A MORTE É INSTITUCIONALIZADA

Através da análise de duas matérias com técnicas divergentes de noticiar a chacina na favela do Jacarezinho, em 2021, o presente trabalho objetivou explorar os aspectos sociopolíticos que perpassam a frequência de vítimas negras em operações policiais, em especial no estado do Rio de Janeiro.

Com efeito, vidas negras encontram-se mais vulneráveis a casos de brutalidade policial exatamente porque são consideradas como *não*-vidas pelas estruturas sócio-governamentais vigentes — entre elas, a mídia de massa brasileira, cuja reprodução de valores racistas contribui para a consolidação de tal visão no imaginário social.

Assim, apesar da ascensão de perspectivas alternativas às transmitidas pelos portais de notícia dominantes, o que se enxerga é a persistência de um olhar culpabilizante e extirpador de identidades na maioria esmagadora dos casos. Não é por acaso que é raro ver um veículo de comunicação trazer um ponto de vista minimamente humanizado sob eventos do tipo, como na reportagem da Revista Piauí. Isso pôde ser observado na notícia da CNN Brasil, incapaz mesmo de reconhecer o acontecimento como um massacre.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei 3.689, de 3 de outubro de 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm. Acesso em: 21 de mar. de 2023.

BRISO, Caio Barreto. Da vingança ao silêncio. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/da-vinganca-ao-silencio/>. Acesso em: 8 de mar. de 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DURAN, Pedro. Mortos no Jacarezinho exibiam ‘feirão das drogas’ na internet, aponta relatório. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortos-no-jacarezinho-exibiam-feirao-das-drogas-na-internet-aponta-relatorio/>. Acesso em: 8 de mar. de 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

REDE de Observatórios da Segurança. Pele-alvo: a cor da violência policial. Disponível em: https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/12/RELATORIO_REDE-DE-OBS_cor-da-violencia_dez21_final.pdf. Acesso em: 19 de mar. de 2023.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

WORLEY, Will. Brazil saw more violent deaths than civil-war torn Syria in 2015, report says. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/brazil-deaths-violent-crime-syria-police-brutality-report-brazilian-forum-for-public-security-a7386296.html>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.